

RICARDO BENSAÚDE

Elisa Maria Gaudêncio Soares

¹ Diogo de Macedo sintetiza, a propósito da sua segunda exposição individual nos salões de Arte Moderna, organizados por António Ferro no Secretariado de Propaganda Nacional, em Janeiro de 1939: "Ricardo Bensaúde é um bom retratista, porque é um bom juiz e um bom estudioso, à procura de acertos na pintura...Os seus painéis de varinas decorativas são uma distracção pitoresca, nos intervalos de uma obra séria de retratista". Exposição de Ricardo Bensaúde. In: *Notas de arte. Ocidente: revista de cultura portuguesa*, 1939, vol. IV. p. 309. Entre os retratados encontram-se Oliveira Salazar, Carmona, o Príncipe D. Pedro de Orleans e Bragança, Oswaldo Aranha, e o retrato póstumo de Joaquim Nabuco. Fonte: *Who's who in Europe: dictionnaire bibliographique des personnalités européennes contemporaines*/Edward A. De Maeyer.- Bruxelles: Éditions de Feniks, 1966-67

² Foi no Teatro de S. João no Porto que Mauricio conheceu Julia de Fano, cantora madrilena, filha de um embaixador de Cuba, tendo desse casamento nascido, além de Ricardo, mais três filhas, Esther, Elsa e Wanda.

³ Designadamente a obra *Retrato de Sua Excelência o Professor Doutor Gustavo Cordeiro Ramos*, que foi ministro da Instrução Pública, e importante impulsionador de estudos germanísticos durante o Estado Novo. Esta obra "sem data", foi oferta do retratado, encontrando-se

1. Família, espaços de vida, formação artística

A personalidade reservada e afável do pintor Ricardo Bensaúde (Trieste, 1894; Lisboa, 1974) ficou apontada em frases dispersas, no contexto de algumas críticas, passando a constituir um traço psicológico a acrescentar aos vários aspectos de uma biografia possível. Possível em função dos documentos até agora reunidos, e na consciência de que a maior parte da sua obra pertence a particulares, e seguiu o destino anónimo da compra ou da doação, em Portugal, no Brasil, ou em França.

Tendo vivido a infância e adolescência em Itália, fez a sua formação artística em Portugal, onde pintou, constituiu família e abraçou a causa da pedagogia do desenho infantil. Ele passou alguns anos da sua juventude em França, em resultado de oportunidades de aperfeiçoamento artístico e profissional, como adiante se verá, e permaneceu cerca de quinze anos no Brasil. Depois de se formar na Escola de Belas Artes de Lisboa, em 1917, as suas viagens tiveram a ver com a pintura, tendo a diversidade de horizontes geográficos significado, certamente, uma abertura a novos horizontes culturais. Dele pode dizer-se que dedicou a vida à pintura, tendo sido principalmente um retratista.¹

Se o reconhecimento de uma obra resulta de factores, sociológicos, psicológicos, políticos, culturais, as fontes indiciam alguém que não procurou especialmente o aplauso, mas que recolheu críticas entusiásticas em diversos momentos da sua vida.

Ricardo Oscar José Marcelo Bensaúde, filho do barítono Maurício Bensaúde e da cantora lírica Julia de Fano y Monterubio², foi casado com Henriqueta Guedes de Sousa, tendo desse casamento nascido um filho, Sérgio.

Podem encontrar-se obras suas nas reservas do Museu José Malhoa (Caldas da Rainha)³, do Museu do Abade de Baçal, em Bragança⁴, do Museu da Figueira da Foz⁵ e do Museu do Chiado, neste caso, três óleos sobre tela incorporados com o acervo do Museu Nacional de Arte Contemporânea.

Uma dessas pinturas é o retrato de *Maria Manuela B. P.* [Fig. 1], de 1937, data "a localizar", segundo ficha do inventário.⁶



[Fig.1] – Maria Manuela B.P. (1937)
Óleo sobre tela, Museu do Chiado

repertoriada com o número de inventário 381.

⁴ Trata-se de um óleo sobre tela, datado de 1925, com o título *Paisagem*, com o

nº de inventário 1992.

⁵ Com o nº de inventário 75 – G – 73 (Nº antigo: 466), é um óleo sobre tela não datado, intitulado *Flores*.

⁶ Nº de inventário, 917.

As outras obras são: *Na vinha*, de 1924 (nº de inventário: 786), e um retrato de *Maria Manuel*, de 1930 (nº de inventário: 787).

Será de sua autoria o retrato de um dos reitores da Universidade de Coimbra.⁷

Participou em exposições colectivas desde 1919, ano em que a sua presença no salão da Sociedade Nacional de Belas Artes lhe valeu uma segunda medalha na modalidade de pintura a óleo.

Em Lisboa, realizou exposições individuais na Liga Naval, em Dezembro de 1924⁸, nas Exposições de Arte Moderna do Secretariado de Propaganda Nacional, em 1938 e 1939⁹, na Sociedade Nacional de Belas Artes, em 1964¹⁰, e na Galeria Dinastia em 1968¹¹. No Brasil, realizou exposições individuais no Museu de Belas Artes do Rio de Janeiro, em Novembro de 1940, na Galeria Itaú, em São Paulo, em 1942, e, também nesta cidade, na Galeria Benedetti, em Abril de 1946. Em Paris, uma sua exposição na Galeria André Weil em 1962 reuniu um conjunto de “pinturas de movimento”¹².

As suas contribuições para a Exposição Histórica da Ocupação, em 1937¹³, e para a Exposição do Mundo Português, em 1940, foram referenciadas.



[Fig.2] – Paisagem (1926)
Óleo sobre tela, Colecção Amaral Cabral

No *Dicionário da pintura portuguesa*¹⁴, é referida a sua participação em duas exposições colectivas no Porto, em 1965 e 1973. De 28 de Janeiro a 26 de Fevereiro de 1969, integra as *I Pesquisas plásticas dos novos*, mostra colectiva na Galeria Dinastia, no Porto.

Em 1999 foi exposta uma das suas obras, datada de 1926, *Paisagem* [Fig. 2]¹⁵, na Casa-Museu Anastácio Gonçalves, integrada na colecção de pintura pertencente a Amaral Cabral.

Ricardo, ao realizar retratos de vários membros da sua própria família, vários dos quais na residência de Alcoitão, mostrou a ternura e o significado dado aos laços familiares, porventura um traço tradicionalista. Um dos três retratos que realizou de seu primo *Alfredo Bensaúde* [Fig. 3], ou um esboço de um busto de seu filho *Sérgio Bensaúde* [Fig. 4], datando do final dos anos 30, e propriedade da família, são disso exemplo.



[Fig. 3]
Professor Alfredo Bensaúde
(193-)
Óleo sobre tela



[Fig.4]
Sérgio
(estudo de rosto, inacabado)
(193-)
Óleo sobre tela

[3]

[4]

de Oliveira (intr.).- Lisboa: Sociedade Nacional de Belas Artes, 1964 [catálogo]

¹¹ *Pintura de mestre Ricardo Bensaúde*/intr. Carlos Manuel de Borges de Castro.- Lisboa: Galeria Dinastia, 1968 [catálogo]

¹² *Pintura de mestre Ricardo Bensaúde*/intr. Carlos Manuel de Borges de Castro.- Lisboa: Galeria Dinastia, 1968 [catálogo]

¹³ *Catálogo da Exposição Histórica da Ocupação*. - Lisboa: Agência Geral das Colónias, 1937. 2 vol.

¹⁴ Chicó, Mário Tavares [et al.] – *Dicionário da pintura portuguesa*.- Lisboa: Estúdios Cor, 1973

¹⁵ Datada de 1926, a respeito desta obra é destacada a “forte presença cromática, inesperada pontuação moderna”, ocorrida num “primeiro plano mínimo de terra. Ver: Henriques, Paulo – Colecção Amaral Cabral. Pintura e desenho do século XX. In: *Pintura na Colecção Amaral Cabral/AA. VV.*- Lisboa: Ministério da Cultura/Instituto Português de Museus/Casa-Museu Anastácio Gonçalves, 1998, [catálogo], 71-84, p. 76. É neste texto afirmado: “Bensaúde é autor desta pintura que, no seu melhor, inscreve na transcrição naturalista alguma densidade fauve”. Em Janeiro de 1999, José Luis Porfírio, num comentário crítico a esta exposição, refere, a respeito das pinturas de Ricardo Bensaúde, Joaquim Lopes e Henrique Franco, “noutros casos é a própria presença de um autor menos conhecido ou esquecido que aponta para caminhos paralelos de um naturalismo que por assim dizer se quer reformular a partir de dentro”. *Cartaz. Expresso*, 9/1/1999

⁷ Nota 44.

⁸ Exposição de pintura de Ricardo Bensaúde. Lisboa: Liga Naval, 1924 [folheto]

⁹ *Exposição de pinturas: Ricardo Bensaúde*.- [s.l.: s.n., 19-?] [folheto]; *Catálogo da exposição do pintor Ricardo Bensaúde*/Secretariado da

Propaganda Nacional.- Lisboa: Império, [19-]

¹⁰ *O movimento na pintura de Ricardo Bensaúde*/Mário

¹⁶ Bensaúde, Alfredo – *Vida de José Bensaúde*. - Porto: Litografia Nacional, 1936. Essa coragem estaria, segundo o autor, em sintonia com os ventos da mudança que começaram a percorrer a Europa nos primeiros anos de oitocentos, e que muito deveram ao édito que Napoleão fez promulgar, em 1807, declarando a emancipação dos judeus e a sua igualdade perante as leis de França.

¹⁷ *Uma estratégia de sucesso numa economia periférica: a casa Bensaúde e os Açores: 1800-1870*. - Ponta Delgada: Ribeiro e Caravana, 1999. Col. Teses de História (tese de doutoramento).

¹⁸ Idem, *Ibidem*, p.76

¹⁹ Idem, *Ibidem*, p.76

²⁰ Idem, *Ibidem*, p.75

²¹ Franco, Manuela – *Judeus em Portugal*. In: *Dicionário de história de Portugal*. Vol. VIII, suplemento F/O, António Barreto, Maria Filomena Mónica (coord.), Lisboa, Figueirinhas, 1999, pp.314-324

²² A estes quatro irmãos, e a seus filhos respectivos, se refere Jorge Sampaio, Bensaúde por parte da avó, Sara. Os meus judeus de estimação. In: *Judeus em Portugal*, José Freire Antunes (dir.), Versailles, Edeline, 2002, 24-29

²³ Mencione-se, para além de Alfredo Bensaúde, já mencionado, a sua mulher, escritora de livros para crianças e autora de obras de pedagogia infantil, e os irmãos Raul, médico, e Joaquim, engenheiro e historiador, que provou que a astronomia náutica, usada pelos portugueses durante a época dos Descobrimentos, se devia a sábios peninsulares e não a Regiomontano.

A família Bensaúde instalou-se, nos primeiros anos do século XIX, em S.Miguel, Açores, proveniente de Marrocos. Alfredo Bensaúde, mineralogista, professor de geologia e fundador do Instituto Superior Técnico, e primo direito de Maurício Bensaúde, assinala, na biografia de seu pai José, a coragem com que os Bensaúde, mesmo antes de ser extinta a Inquisição e de ser revogada a lei anti-judaica, se assumiram por essa altura como judeus¹⁶. A comunidade judaica em geral, e a família Bensaúde, em particular, praticavam, já em meados do primeiro quartel de oitocentos, actividades mercantis em posição vantajosa relativamente aos comerciantes autóctones, segundo Fátima Sequeira Dias, na sua tese de doutoramento¹⁷, posição aquela devida a “contactos estreitos nas principais praças comerciais do mundo oitocentista¹⁸. A respeito do contexto económico e ideológico desta situação, esta autora afirma o seguinte: “Se a emancipação política, ganha após a Revolução Francesa, lhes garantira, *de jure*, a integração social e o convívio com as elites tradicionais, a expansão da ideologia industrialista na Europa continental, após o Congresso de Viena, viera permitir-lhes, por seu turno, ganhar novos mercados e expandir os seus negócios, sem qualquer relação com as épocas históricas anteriores”.¹⁹

“A supremacia da família Bensaúde - ainda de acordo com Fátima Dias - vai dever-se, entre outros factores, ao facto de ser constituída por três troncos genealógicos independentes: dois irmãos (Abraão e Elias) e um primo (Salomão) - originando três casas comerciais independentes, muito embora diversas sociedades mercantis as tenham ligado durante períodos mais ou menos latos”.²⁰

Em 1936, data da edição do livro de Alfredo Bensaúde, o regime de Salazar, que herdara a abertura concedida, pela Constituição de 1911, a todos os cultos e crenças, se, por um lado, expressava no plano diplomático a ausência de um “problema semita”, assumia, por outro, uma reserva relativamente à entrada incondicional de judeus, a quem a Alemanha dava “certo carácter comunista”.²¹

O biografado, José Bensaúde, era irmão de Jacob Bensaúde, avô de Ricardo Bensaúde. O pai deste, e seus tios Joaquim e Esther, eram primos direitos dos filhos de José, de nome Alfredo, Joaquim, Ester e Raul.²²

Desde meados do século dezanove, várias personalidades da família Bensaúde, entretanto instaladas no continente, têm contribuído de diversas formas para a vida cultural, científica e política portuguesa.²³

Raízes artísticas hereditárias e influências bebidas em criança iniciaram Ricardo Bensaúde na liberdade de uma natureza exuberante. Dos arredores da vila de Romentino, onde passou parte da sua infância, perto da Trieste natal²⁴, o pintor recordou, em livro de contos publicado em 1966, uma paisagem particularmente rica de vegetação e de cheiros que despertaram certamente os seus jovens sentidos.²⁵

²⁴ Em 17/1/1894, Ricardo foi baptizado pelo rito católico na paróquia Tergestina Justinopolitana, segundo documento guardado na secretaria da Faculdade de Belas Artes de Lisboa, na pasta deste aluno.

²⁵ Sessenta anos passados desde a sua infância, Ricardo desloca-se a Romentino, onde vivera “os primeiros anos

entregue aos cuidados de uma ama como era uso naquele tempo: aliás os meus pais não podiam cuidar de mim. Eram artistas líricos de grande nomeada, em permanentes tournées pelo mundo inteiro”, como se lê no texto final do livro que publicou em 1966. Ele diz: “...sinto de repente um cheiro que me era familiar, se bem que há muito esquecido, da

vegetação típica das proximidades do rio Ticino: robínias, lúpulos, e não sei que mais. O verde viçoso e variado fazia-me recordar que estávamos agora no vale mais fértil de toda a Itália”. Bensaúde, Ricardo - Romentino. In: *O caçador de angústias*, Lisboa: Sociedade de Expansão Cultural, 1966, 135-140, p.135-6.

Tal paisagem proporcionou possivelmente um meio favorável ao desabrochar da habilidade para o *desenho do natural*, dote que viria a ser desenvolvido por um mestre naturalista, Carlos Reis, e uma Escola de Belas Artes de Lisboa marcada pelo ensino de Columbano. Mais tarde, ele viria porventura a saciar no Brasil, onde viveu entregue à pintura, à escrita, e ao cultivo do café, uma necessidade de vastidão e de natureza desafogada.

Trieste era, à época do seu nascimento, o principal porto de mar do Império austro-húngaro e um exemplo de encruzilhada de culturas. Poucos anos após a Revolução Francesa, esta cidade esteve submetida à França, por alguns anos, tendo finalmente adquirido a nacionalidade italiana em 1918.

Foi da sua ascendência directa, paterna e materna, que Ricardo Bensaúde recebeu o exemplo de uma vida artística cosmopolita, que teve acesso aos mais importantes centros culturais do mundo. Moisés Bensaúde (S. Miguel, 1863 – Lisboa, 1922), seu pai, conhecido pelo nome artístico de Maurício, foi um dos cantores líricos portugueses de maior relevo, o primeiro português a actuar no Metropolitan de Nova Iorque (1894, 1896, 1898), com uma carreira de vinte e oito anos de concertos nos melhores teatros da Europa, Estados Unidos e Austrália, com a frequência de vários espectáculos por mês.²⁶

Ricardo estudou em Milão, nos colégios Sabóia, Tirelli e Piatti, e no Instituto Técnico e Carlo Cattaneo. Na Suíça, frequentou o Colégio Baragiola. Ele acompanhou os pais, quando estes vieram para Lisboa em 1908. Nesta cidade, Maurício cantou no Conservatório Nacional, e nos Teatros da Trindade e D. Maria II, tendo sido nomeado director artístico do Teatro de S. Carlos em 1911. Note-se que, no ano seguinte, ano em que viria a falecer, o cantor se preparava para iniciar uma nova digressão pelo Brasil.

Ricardo Bensaúde fez os seus estudos artísticos na Escola de Belas Artes de Lisboa, onde se inscreveu em 1911, com dezassete anos de idade.²⁷ Aí teve como mestres Ernesto Condeixa e Luciano Freire, além de Carlos Reis, acima referido²⁸, e obteve, ao fim de seis anos, a média final de dezoito de todas as provas. Assinale-se que Luciano Freire se distinguiu enquanto restaurador de pinturas antigas, tendo publicado as suas ideias em prol desta causa em periódicos da época.

As assinaturas de Columbano Bordalo Pinheiro e de Ernesto Condeixa constam do registo final da sua passagem como aluno daquela escola, na “8ª cadeira” de Pintura, em 16 de Agosto de 1917, aos vinte e três anos, com a classificação final de “Muito Bom”, de “vinte valores” em “Quadro” e “dezasseis” em “Cabeça”. O livro do registo das avaliações dos alunos revela o nome daqueles que permaneceram seus grandes amigos, um até ao fim da vida, Abel Manta, e outro, Carlos Bonvalot, até à morte prematura deste, em 1934.

Na legenda que acompanha a reprodução de um quadro de modelo vivo de Ricardo Bensaúde, num livro, editado no Porto em 1962, comemorando “dois séculos de modelo vivo”, Carlos Ramos, professor da Escola de Belas Artes do Porto, refere que o pintor “obteve na Academia sete medalhas de prata, o Prémio Lupi, e terminou o curso com vinte valores (quadro), tendo alcançado seguidamente o prémio Valmor de Pintura que lhe permitiu estudar em Paris”.²⁹

Não se tratava propriamente de um “prémio Valmor”, mas sim do pensionato custeado pelo legado do Visconde Valmor, a que se habilitavam os alunos das Escolas de Belas Artes em sequência das avaliações obtidas.³⁰

É difícil mencionar com algum rigor a data da partida para Paris. Com efeito, diz ainda o arquitecto Carlos Ramos, a respeito dos “concursos para pensionista no

²⁶ Por exemplo em 1898 cantou em Zagreb, Budapeste, Bréscia, Turim (quatro concertos diferentes), Metropolitan de Nova Iorque, Filadélfia, tendo realizado uma digressão por várias cidades norte-americanas integrado na Damrosch-Ellis Opera Company, em cerca de oitenta récitas. Ver: Moreau, Mário – Maurício Bensaúde. In: *Cantores de ópera portugueses*, Venda Nova, Bertrand, 1984, Vol.II, 9-142, p.120-1.

²⁷ Essa inscrição foi feita em 1911 (Ricardo tinha dezassete anos), mediante certificado da Comune di Sesto S. Giovanni, da Scuola Elementare Maggiore Maschile, escola elementar privada. Neste certificado, datado de 15/7/04, declara-se ter Ricardo passado nos exames, e assim obtido a idoneidade em cada uma das matérias, segundo o regulamento em vigor.

²⁸ Ramos, Carlos – *Dois séculos de modelo vivo*.- Porto: Escola Superior de Belas Artes do Porto/Ministério da Educação Nacional, 1965, p.29

²⁹ Idem. Ibidem, p.144

³⁰ Ao regime desses pensionatos referira-se criticamente José de Figueiredo, em 1901. Figueiredo, José de – *O legado Valmor e a reforma dos serviços de Bellas-Artes*.- Lisboa: M. Gomes Editor, 1901, p. 35-46

³¹ Carlos Ramos, *Op. Cit.*, p.31.

³² *Pintura de mestre Ricardo Bensaúde*/intr. Carlos Manuel de Borges de Castro.- Lisboa: Galeria Dinastia, 1968 [catálogo]

³³ Data da publicação de *A confissão de Lúcio*, de Mário de Sá Carneiro.

³⁴ Tannock, Michael – *Portuguese 20 th Century artists: a biographical dictionary*/pref. José-Augusto França.- Chichester: Phillimore, 1978, p. 24

³⁵ Na certidão dos testamentos do Visconde de Valmor, requerida em Janeiro de 1899 ao Administrador do 2º Bairro de Lisboa, consta que são deixados "... mais de cinquenta contos (cincoenta contos de reis) à Academia Real de Bellas Artes de Lisboa, para, com os rendimentos deste Fundo, subsidiar estudantes ou artistas de talento provado, ou premiados, a fim de que possam estudar no estrangeiro e aperfeiçoarem-se em qualquer ramo das Bellas-Artes". Bairrada, Eduardo Martins – *Antecedentes da Academia Nacional de Bellas-Artes no Prémio Valmor de Arquitectura da cidade de Lisboa. Académicos-Arquitectos no seu júri (Documentação Inédita, 1902-1935)*.- Lisboa, 1984, 101-2. Este subsídio ocorria de cinco em cinco anos, e a cada um dos três estudantes e três artistas tinham que entregar o trabalho pronto à Academia dezoito meses depois de partirem, dos quais, doze eram obrigatoriamente passados fora do país.

³⁶ In: *Pintura de mestre Ricardo Bensaúde*/intr. Carlos Manuel de Borges de Castro.- Lisboa: Galeria Dinastia, 1968 [catálogo]

estrangeiro": "...em Dezembro de 1929, Joaquim Lopes, Heitor Cramez e Ricardo Bensaúde, na prova de pintura de modelo vivo".³¹ No entanto, o galerista que, em 1968, introduziu algumas notas biográficas na exposição individual de "Mestre Ricardo Bensaúde", indica uma data mais plausível, ao afirmar que o "prémio" Valmor, bem como o prémio Lúpi, datam de 1918.³²

O seu tempo de jovem estudante de Belas Artes foi passado numa Lisboa atravessada pelas lutas políticas e partidárias que agitaram a I República, subitamente mais aberta e democrática que a maior parte dos países europeus conservadores, e, alguns, monárquicos. Numa Lisboa onde, desde o I Salão dos Humoristas, em 1911, se ensaiava o primeiro modernismo a prolongar-se pela década de 20, movimento entusiástico, provocador e breve, que viria a ter, como expoentes mais significativos, o lançamento da revista *Orpheu* em 1914³³, com textos de Fernando Pessoa, Santa-Rita, Almada Negreiros, o *Manifesto anti-Dantas e por extenso*, entre outras obras, de Almada, em 1915, a exposição de Amadeo de Sousa Cardoso em 1916, na Liga Naval, e, em 1917, a publicação do *Manifesto Futurista*, ainda de Almada. Na década seguinte prevalece uma vivência de mundanismo, manifestada no grafismo de algumas revistas, como a *Contemporânea*, ou na decoração de cafés ou *cabarets*, como *A Brasileira* ou o *Bristol*. É ainda Almada Negreiros que, em 1925, edita o romance *Nome de guerra*.

Na obra *Portuguese Twentieth Century Artists* vem mencionado ter Bensaúde recebido, em 1919, um prémio no âmbito de uma exposição colectiva na Sociedade Nacional de Belas Artes.³⁴ Esse facto foi confirmado pela ficha existente nesta última instituição, onde consta a atribuição de uma "segunda medalha", no género "óleo".

Cumprindo o destino dos bolseiros das Academias lisboeta e portuense, Ricardo Bensaúde partiu para Paris como pensionista do Estado.³⁵ "Foi aí que, nos começos de 1920, quando estava sentado numa das alamedas dos jardins do Luxemburgo, viu levantar-se subitamente do chão, iluminado pelo sol, um bando de pardais. E pensou então que se alguém conseguisse reproduzir o que acabava de ver, teria reproduzido o movimento".³⁶ A ideia do movimento, que perdura na retina, viria a obter, na pintura de Ricardo Bensaúde, nos anos 60, uma ampla representação.

De regresso a Portugal, continua a pintar, desse período se conhecendo, por exemplo, a tela *Mulher repousando* [Fig. 5], de 1922, propriedade

da família. Enquanto os naturalistas prolongavam pelo século XX uma estética oitocentista contra uma "tradição do novo" que só viria a enraizar-se em Portugal depois do 25 de Abril, este quadro expressa uma afinidade com parâmetros modernistas.

2. Primeira exposição individual na Liga Naval

Em 8 de Dezembro 1924, Ricardo expôs quarenta e sete quadros na Liga Naval, no Palácio do Calhariz, ao Bairro Alto, exposição anunciada desde o dia 3 no Diário



[Fig.5] – Mulher repousando (1922)
Óleo sobre tela

de Lisboa, por Artur Portela.³⁷ Referindo uma recente “apresentação particular” do pintor num “palacete da Lapa”, o crítico alvitrou, nesse texto, que a sensibilidade do pintor teria sido cultivada em viagens por França, Itália, Alemanha e Suíça, país este onde “viveu as infinitas almas das cores, que não são apenas as do espectro, e musicou as sensações das paisagens”. “Conseguiu, para ser um grande artista, um artista de relevo, de temperamento e de carácter - ser apenas uma *pupila*”, afirmava Portela.

“Bensaúde, sem esmagar o tipo da raça, o lusitanismo do sentimento, a nacionalidade artística, subtilizou a sua paleta, valorizou-a nos modernos contactos da arte, sem acrobacias de loucura”, referiu ainda, numa provável alusão ao modernismo de um Amadeo Sousa Cardoso, Almada Negreiros ou Santa-Rita, acrescentando: “Os seus quadros, que em breve aparecem na Liga Naval, onde os apreciaremos então, detalhadamente, liquidam de vez uma escola velha de pintura que, tendo um dia produzido uma obra de génio, não se cansa de a reproduzir em *dichés* mais ou menos brilhantes”.

Nesse ano de 1924, em Fevereiro, “algumas centenas de pessoas manifestavam-se contra a ditadura”, e, no mês seguinte, pintores modernistas reuniam-se no salão da “Ilustração Portuguesa”. João Reis, amigo de Ricardo, expôs na Sociedade de Belas Artes, a 7 de Abril. A 2 de Maio, o *Diário de Lisboa* publicava, na rubrica *Carta de Paris*, “A teoria cubista da pintura moderna e os artistas Degas, Maurice Denis e Picasso”. No dia 8 de Agosto, dava-se conta da estreia da peça “Mar alto”, de António Ferro. Afonso Costa, “convidado a formar governo” a 28 de Junho, assumia a pasta das Finanças a 18 de Setembro.

Da observação dos títulos das pinturas expostas na Liga Naval³⁸, depreende-se que a grande maioria era constituída por paisagens, italianas, francesas e portuguesas,

manifestando deste modo, um desenvolvimento a partir do seu mestre Carlos Reis, docente da respectiva cadeira na Escola de Belas Artes. A especialidade deste era, no entanto, a pintura de género e o retrato.³⁹

Também Ricardo Bensaúde cultivou estes géneros pictóricos, os quais estiveram presentes, na exposição na Liga Naval, em títulos como “Ceifeira”, “Na vinha”, “Feira em Ponte de Lima”, “Apanhando o sargaço”, ou “Retrato de Madame B. S. F.”, “Mané”, “A convalescente”, “Retrato de *La Contessina*” ou “**Retrato de Alfredo Bensaúde**” [Fig. 6].

O comentário crítico de Artur Portela a esta exposição⁴⁰, falava da emergência do pintor no meio artístico português, “não como um discípulo de academias estrangeiras, ou de escolas novas, mas como um temperamento forte e

definitivo, que a golpes de talento impõe o seu nome, a sua ânsia de beleza, o seu magnífico esforço criador”. “Alguns quadros expostos na Liga Naval são pelo assunto completamente desconhecidos entre nós”, comentava, passando a descrever alguns efeitos paisagísticos. “Nos retratos, R. B. não dá as almas: grava-as, numa precisão absoluta de traço psicológico... Nos lápis, R. B. é flagrante, instantâneo, atingindo, numa prestidigitação assombrosa, a semelhança, o ritmo da figura, a saliência anatómica”, refere Portela.

³⁷ Portela, Artur – Os nossos artistas: a arte de hoje na obra do pintor Ricardo Bensaúde que vai expor na Liga Naval. *Diário de Lisboa*, 3/12/1924

³⁸ Exposição de pintura de Ricardo Bensaúde.- Lisboa: Liga Naval, 1924 [folheto]

³⁹ Tavares, Cristina de Sousa Azevedo – *Naturalismo e naturalismos na pintura portuguesa do século XX e a Sociedade Nacional de Belas Artes*.- Lisboa: Universidade Nova de Lisboa/Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, 1999. 2 vol. [tese de doutoramento], p. 30

⁴⁰ Portela, Artur – *Artes plásticas: exposição Ricardo Bensaúde* (referência a precisar).



[Fig.6] – Professor Alfredo Bensaúde (193-) Óleo sobre tela

⁴¹ Cristina de Sousa Azevedo Tavares, Op. Cit., p. 31 e 215

⁴² França, José-Augusto – *A arte em Portugal no século XX: 1911-1961*.- Venda Nova: Bertrand Editora, 1991. 3ª edição, p. 200. Nesta obra, Ricardo Bensaúde é um dos que “andaram mais ou menos nas franjas do modernismo” e dele, como de Carlos Porfírio, “quase não vale a pena falar”. “Ricardo Bensaúde (1894-1969) que, bolseiro em Paris, em 20, pensou uma “pintura de movimento” que só realizaria, em medíocre similitude futurista em anos 60” (p.184). A informação dada pelo filho do pintor, Sérgio Bensaúde, acerca da data do falecimento do pintor em 1974, autorizou-nos a contradizer José-Augusto França a este respeito.

⁴³ Passos, Maria Armanda - Abel Manta e Clementina Carneiro de Moura: à Procura de um tempo perdido ou o que falta a um esboço de “memórias”. *JL: Jornal de Letras, artes e Idéias*, nº12, 4/8/1981

⁴⁴ A pergunta sobre “se valia a pena ser pintor ou escultor” foi lançada pelo “Notícias Ilustrado” em Dezembro de 1931. Como refere José-Augusto França, “a revista desistiu de reproduzir as respostas, dada a “unanimidade das vistas” dos interrogados” sobre a crise então vigente, opinião partilhada tanto por antigos (Malhoa, Carlos Reis, Roque Gameiro), como por modernos (António Soares, Diogo de Macedo, António Varela). José-Augusto França, Op. Cit., p. 200

⁴⁵ Bensaúde, Ricardo – A escola ao ar livre. *Escola Portuguesa: boletim do ensino primário oficial (EP)*, 1935, Ano II, nº52, 2-4

Desde já, por estas palavras, se anunciava um pintor que não vai limitar-se a repetir as fórmulas académicas. O dilema da reformulação do naturalismo, de “tradicional” a “modernizado”, era protagonizado pelo próprio Carlos Reis, que, depois de ter orientado o grupo *Ar Livre* (1910/1923)⁴¹, superintendeu, desde 1927, ao grupo *Silva Porto* (1927/1940), onde se opunham, aos pintores modernistas, “os velhos (e novos) naturalistas”, no dizer de José Augusto França.⁴²

Do ciclo de amigos e companheiros do pintor, que ía nos trinta e poucos anos, figuravam Carlos Reis – até perto da morte deste, em 40 – e o seu filho João Reis, Columbano, falecido em 29, os colegas Abel Manta e Carlos Bonvalot, como se referiu atrás, e segundo nos testemunhou Sérgio Bensaúde, acrescentando à lista Frei Miguel, também pintor.

3. O pedagogo do desenho infantil e as exposições nos anos trinta

Em 1930, por morte de Columbano, ocorrida no ano anterior, foi aberto concurso para o lugar vago na Escola de Belas Artes de Lisboa, ao qual se candidataram Abel Manta, João Reis, Ricardo Bensaúde e Henrique Franco. Segundo o testemunho da mulher de Abel Manta, Clementina Carneiro de Moura, o concurso começou por ser ganho por Henrique Franco, que desistiu, e o júri, em vez de chamar o segundo classificado, Abel Manta, chamou Varela Aldemira.⁴³

Por essa altura, Ricardo Bensaúde frequentava regularmente a casa de seu primo, o geólogo e pedagogo Alfredo, e com ele discutiria possivelmente temas culturais e educativos. Preocupações pedagógicas, eventualmente latentes no pintor, foram incentivadas por uma bolsa da Junta de Educação Nacional para estudar em Paris os métodos do ensino do desenho infantil.

No princípio dos anos trinta, anos de crise para a generalidade dos portugueses e para todos os quadrantes artísticos⁴⁴, tinham sido lançadas as bases do Estado corporativo.

Em plena afirmação do Estado Novo, aparecem vários artigos de Ricardo Bensaúde no boletim *Escola Portuguesa*, na qualidade de inspector dos serviços de orientação pedagógica do Magistério Primário.

Os alicerces do salazarismo incluíam uma atenção especial ao ensino enquanto veículo ideológico formador da juventude, atenção expressa nas máximas incluídas nos Manuais Escolares – máximas que exaltavam o Pai, a Pátria, a Família e a Autoridade do Chefe. Ao nível do ensino primário foram criados Serviços de Orientação Pedagógica e Aperfeiçoamento do Ensino Primário, que publicaram, desde Outubro de 1934, a *Escola Portuguesa*. Colaborou igualmente nesse boletim, além de Ricardo Bensaúde, Manuel Múrias que, em 1935, era professor da Escola do Magistério Primário, que viria a ser secretário da Junta da Educação Nacional e, em 1938, seria o Director da revista *Ocidente*. É de salientar a publicação, em vários números desse *Boletim*, de várias traduções de textos da pedagoga italiana Maria Montessori.

O primeiro artigo do pintor intitulou-se “A escola ao ar livre”.⁴⁵ Nele pretende “desfazer preconceitos e contrariar hábitos mentais” a respeito das vantagens deste tipo de escola, e fundamentar “a necessidade de um ar continuamente renovado” a partir das conclusões do Congresso Internacional da Infância em 1931, das experiências da escola de Pantin nos arredores de Paris, e de uma escola em Aubervilliers.

O boletim de Novembro de 1935, na secção “Factos e comentários”, informa acerca da inauguração, na Sociedade Nacional de Belas Artes, no dia 19 do mesmo mês, de uma “exposição conjunta dos desenhos das escolas de Paris e dos cursos de aperfeiçoamento de desenho regidos pelo inspector-orientador Ricardo Bensaúde,

durante o ano escolar transacto, nas escolas do magistério de Lisboa e Coimbra”.⁴⁶ A promoção de exposições conjuntas de crianças de variados países viria a constituir, nas décadas seguintes, uma prática em algumas escolas primárias portuguesas.

Num jornal diário, em finais de Novembro de 1935, assinalava-se essa mesma exposição, citando as seguintes palavras explicativas de Ricardo Bensaúde: “Os arcaicos processos de ensino de desenho – disse-nos o Prof. Ricardo Bensaúde durante a visita que fizemos e em que amavelmente nos acompanhou e elucidou – estão hoje postos de parte em todos os países civilizados, porque não desenvolvem o espírito da



[Fig.7] – Menina a brincar (s.d.)
Óleo sobre tela

criança. Há que auxiliar o seu desenvolvimento, sim, mas deixando-o inteiramente independente, liberto de todas as influências, de todas as correntes”.⁴⁷

A valorização da independência relativamente às influências familiares – a aprendizagem, afinal, da liberdade – aconteceu assim discretamente, à revelia do seu próprio tempo político-cultural. Aqui o pintor vai mais além da ternura que lhe suscitam as crianças da sua própria família, de quem faz o retrato, como o da *Menina a brincar* [Fig. 7].

Ele vai agir como pedagogo, e defender uma aprendizagem que integre livremente, na construção da personalidade, e através do desenho, os dados visuais e emocionais, em termos dissonantes relativamente a uma ideologia defensora da obediência.

Por ordem cronológica de publicação, mencionem-se ainda os seguintes artigos no aludido boletim: o relatório “Cursos de aperfeiçoamento de desenho em 1935-6”⁴⁸, “Identidade do problema do ensino da língua e do desenho”⁴⁹, onde cita, entre outros, Luquet, e defende que a ênfase exclusiva no ensino da língua conduz à abstracção. “O valor da educação estética”.⁵⁰ O relatório acima mencionado é acompanhado de documentos gráficos [Fig. 8], que distinguem o “realismo intelectual” do “realismo visual”, e nele o pedagogo desenvolve o tema das aptidões mentais que intervêm no desenho, considerado, adiante, como “factor social”. A expressão “realismo intelectual”, mostrada no documento, é título de um dos capítulos de uma obra de G.-H. Luquet, pedagogo citado por Bensaúde no artigo acima referido, traduzida para português em 1969.⁵¹

Em 1937, Ricardo Bensaúde participa na “Exposição Histórica da Ocupação”, realizada no Palácio de Exposições do Parque Eduardo VII⁵², com um painel intitulado *A assistência religiosa* [Fig. 9]. Manuel Múrias colaborou então, ao

DOCUMENTOS GRÁFICOS



ESCOLA PORTUGUESA - N.º 112

[3]



[4]

⁴⁶ EP, 1936, ano II, nº59, p. 67

⁴⁷ L.F.T. – Novos horizontes para o ensino do desenho: notável exposição. Nov.1935. 2 (referência do periódico a precisar)

⁴⁸ EP, 1936, Ano III, nº 106, 30-31

⁴⁹ EP, 1936, Ano III, nº 111, 67-68

⁵⁰ EP, 1936, Ano III, nº 112, 72-73

⁵¹ Luquet, G.-H. – *O desenho infantil*. 3ªed. Porto: Livraria Civilização, 1979.

⁵² Esta exposição foi preparada e realizada pelo Agente Geral das Colónias, Júlio Cayola, e pelos colaboradores Manuel Múrias e Luis de Montalvor, em quatro meses, de 14 de Fevereiro a 14 de Junho. Alguns dos nomes de pintores, escultores e decoradores incluem Almada Negreiros, Lino António, Estrela Faria, Sara Afonso, Francisco Amaral, Bettencourt, Barata Feio, Maximiano Alves, etc..In: *Revista Oficial do Sindicato Nacional dos Arquitectos/ Cottinelli Telmo* (dir.), 1939, nº9, p. 275

[Fig.8]
Documentos gráficos

[Fig.9]
Assistência religiosa (1937)
Painel decorativo da Exposição Histórica da Ocupação

⁵³ Cristina de Sousa Azevedo Tavares, Op. Cit., p. 201

⁵⁴ *Catálogo de exposição do pintor Ricardo Bensaúde no estúdio do SPN.* - [Lisboa]: S.P.N., [s.d.]

⁵⁵ *Exposição de pintura: Ricardo Bensaúde.* - [s.l.: s.n., s.d.]

⁵⁶ Múrias, Manuel – Cabo da Boa Esperança. *Ocidente: revista portuguesa*, 1938, vol. 1, Ano I.

⁵⁷ Diogo de Macedo (1939), Op. Cit.

⁵⁸ O jornalista Bento Janeiro começa por aludir à problemática, lançada pelo jornal, no ano anterior, sob forma de inquérito a personalidades do mundo artístico, cultural e político português, do "nacionalismo" em arte. "Creio que não se pode falar com justeza de uma "escrita portuguesa" nas obras dos nossos pintores modernos", diz, associando essa característica, mais ou menos accidental, com a "tradição realista de alguns mestres, mais conhecidos, do século passado", falando adiante de um retrocesso relativamente a algumas "revoluções", em consequência de uma crise generalizada, "do homem como homem e como artista". A propósito das quatro varinas de Lisboa expostas por Ricardo Bensaúde, fala de melancolia, poesia e "visão idealista das coisas" que, todavia, "não reflecte a natureza dos temas, antes a deforma", se bem que "se evidencia o valor duma maneira que só poderia partir de um pintor português". Janeiro, Bento – Artes plásticas: Ricardo Bensaúde no S.P.N.. *O Diabo*, 1939, Janeiro, nº227, p.8

lado de Luis de Montalvor, com o Agente Geral das Colónias, Julio Cayola, na concretização desta exposição. Fred Kradolfer, Emérico Nunes ou José Rocha, seriam alguns dos *rapazes do Ferro* activos nesta exposição, ao lado de muitos outros modernistas.

Ricardo Bensaúde começou a expôr, em 1938⁵³, nos salões de arte moderna, nas quais António Ferro, desde 1935, punha à prova a sua *política do espírito*. Num dos folhetos, não datados, que assinalam essas exposições individuais, em vinte e dois quadros, surgiam catorze retratos, designadamente de *Dr. Manuel Múrias*, de *Dr. Alfredo Bensaúde*, de *Teixeira de Pascoaes*, e de seu filho *Sérgio*, além de duas paisagens e duas varinas.⁵⁴ A proporção relativa dos géneros é inversa na outra dessas duas exposições, onde, em trinta e uma, onze telas são paisagens, dez são retratos, aparecendo duas pinturas de género, e outras telas representando castiçais e flores.⁵⁵

Em 1938 é lançada a revista *Ocidente*, onde o director Manuel Múrias afirma que "o grande mal não foi isolar-nos...", mas "em se ter arrependido Portugal de ser diferente dos outros povos". As palavras de ordem *ressurgimento* e *estado de missão* vão fundamentar a diferença de Portugal relativamente a uma Europa, prestes a lançar-se na guerra, diferença essa que seria consagrada dois anos mais tarde na Exposição do Mundo Português.⁵⁶

Dois retratos de família – ou quase – relembram, ainda nesse final dos anos trinta, a lição naturalista tradicional e modernizada – o de uma tia da esposa, *Tété* [Fig. 10], e o de uma empregada da mesma *Florinda* [Fig. 11].



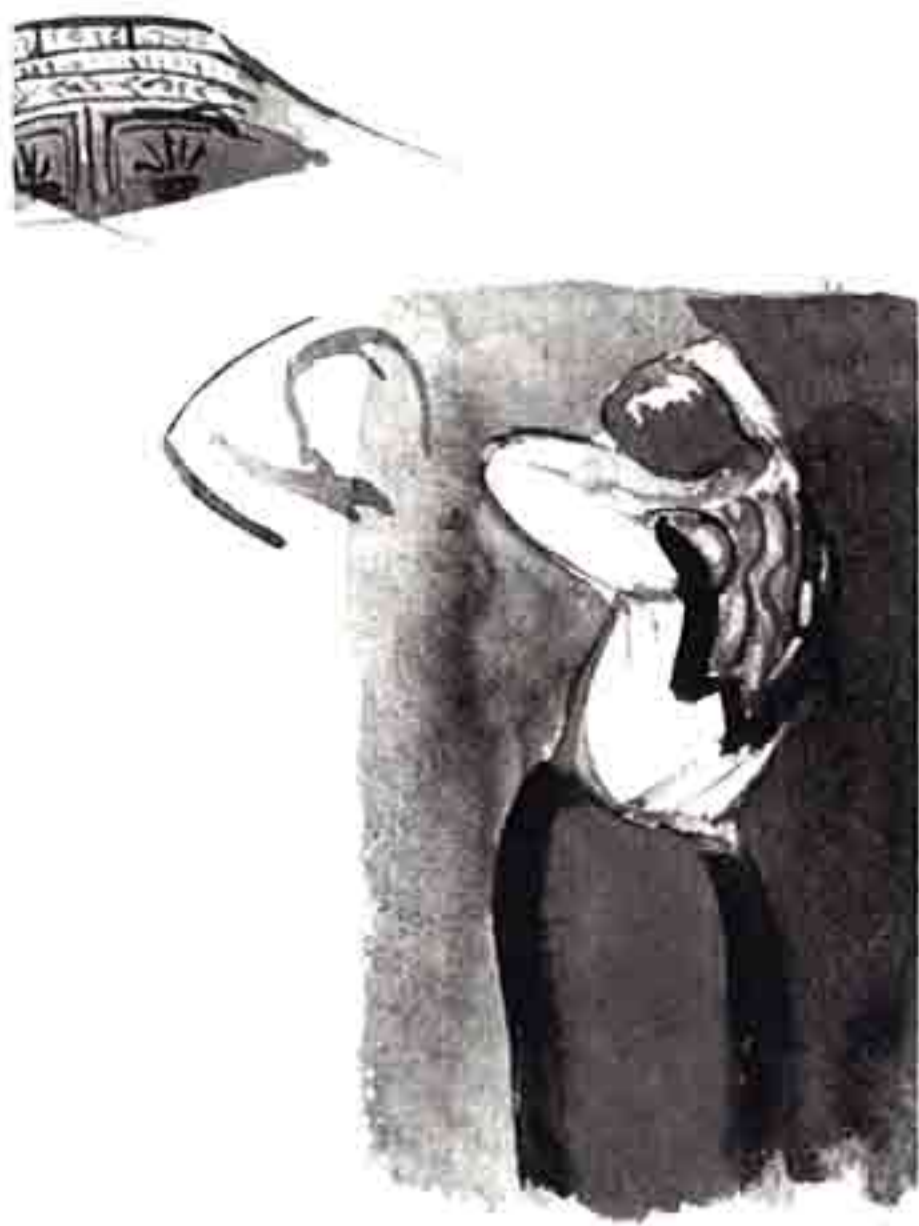
[Fig.10] – Tété (tia de D.Henriqueta Guedes) (193-) Óleo sobre tela



[Fig.11] – Florinda (193-) Óleo sobre tela

A sua segunda exposição individual nos salões do Secretariado de Propaganda Nacional, em Janeiro de 1939, mereceu a Diogo de Macedo, entre outras, as seguintes palavras: "A sua última exposição em Lisboa foi uma parada de sensações estéticas, fina, valiosa e reveladora de qualidades emotivas que lhe deram títulos de primeira classe" e ainda "O sucesso de R.B. que, pela vida fora, tem dado a sua acção ao manifesto e com ardorosa ternura, reside exactamente na harmonia daquelas complexidades com aquela sempre amada singeleza".⁵⁷

A exposição de 39 foi também objecto de uma crítica no jornal *O Diabo*⁵⁸, na qual se realça, nos retratos e varinas expostos, "um ambiente vincadamente português e uma "escrita" que, não sendo rebuscada, é, ao contrário, simples, firme, clara".



[Fig.12] – Varina (esboço) (s.d.)
Guache sobre papel

De uma das suas “varinas modernistas” foi-nos dada, pela família, a reprodução de um desenho preparatório [Fig. 12].⁵⁹

A amizade com o antigo colega das Belas Artes, Abel Manta, era testemunhada, em 1939, pela notícia, assinada por Diogo de Macedo, publicada na revista *Ocidente*: “Os pintores Abel Manta e Ricardo Bensaúde vão executar para a Misericórdia de Coimbra dois retratos de professores para, a pouco e pouco, assim se ir completando a galeria de reitores daquela Universidade”.⁶⁰ Essa amizade, segundo nos revelou o filho Sérgio Bensaúde, continuou depois do regresso do Brasil.

Na Exposição do Mundo Português, o nome de Ricardo Bensaúde aparece associado ao “Pavilhão da Colonização” e ao “Pavilhão dos Portugueses no mundo”.

A respeito da sua participação no primeiro, da autoria do arquitecto Carlos Ramos, na “Sala da Fé e do Império”, diz J. da Costa Lima: “Ricardo Bensaúde, ao longo das naves laterais, pintou glórias missionárias de Portugal; mas as cores são surdas, sem notas estridentes, desentoadas ou gárrulas. Franciscanos ou franciscanas de Maria de um lado, quasi só Jesuítas de outro. Não se pode fugir à história...e o Beato João de Brito tem painel do seu martírio, em grisalha de sépia”.⁶¹

A outra intervenção, no pavilhão realizado pelo arquitecto Cottinelli Telmo, aparece repertoriada por Margarida Acciaiuoli, que refere: “...já a sala “das Américas”, esse “grande livro de folhas brancas que nós abrimos e onde começamos a escrever a história do mundo e da civilização” – citando informação recolhida no *Diário de Notícias* – e onde por todas essas razões se depositara grandes esperanças, com o “Brasil” pelo meio, em homenagem dupla por ser o único convidado desta “festa de família”, mereceu destaque pelas decorações de Ricardo Bensaúde”.⁶²

Tanto através do seu papel em prol do ensino do desenho infantil, como pelas suas participações nos empreendimentos de um país que, na figura do Chefe de Estado, se afastou de parcerias políticas com uma Europa devastada – a não ser com Espanha e Inglaterra, e depois América – o pintor trilhou um caminho artístico que se cruzou com os grandes temas da consciência colectiva. Uma herança muito pessoal falou mais alto para o pintor, mais alto que o auto-elogio que o Estado Novo fez de si próprio na Exposição do Mundo Português. Essa herança, o cosmopolitismo paterno e materno, mas também o exemplo de tantos portugueses, conduziu Ricardo Bensaúde para o Brasil, onde permaneceu, com intervaladas viagens ao continente (Lisboa e Paris), perto de quinze anos.⁶³

Uma outra razão, sem dúvida, terá sido a grave crise vivida em Portugal, limitando o mercado de arte, empobrecido pela falta de museus e galerias, apesar da acção de António Ferro em prol dos artistas, e das exposições da Sociedade Nacional de Belas Artes.

3. Os anos de ouro no Brasil?

Ricardo Bensaúde encontrou no Brasil uma elite, aparentemente interessada em ver perpetuar artisticamente a sua imagem, que lhe comprou muitos retratos. Ele pintou aí a expressão, os símbolos e as ideias de personalidades humanas diversas. Foi nesse país, para onde viajou com o dinheiro ganho com a sua participação na Expo-

⁵⁹ Na entrada Bensaúde (Ricardo), Fernando de Pamplona começa: “Pintor neofigurativo contemporâneo. Nasceu em Trieste em 1894. Retratista excelente. Também pinta composições com tipos populares, especialmente varinas”. Pamplona, Fernando de – *Dicionário de pintores e escultores portugueses ou que trabalharam em Portugal*. 2ª ed. actualizada.- [s.l.]: Livraria Civilização Editora, 1987. Vol. I

⁶⁰ In: *Ocidente*, 1939, vol. V

⁶¹ Lima, J. da Costa – *A beleza das Exposições Comemorativas. Brotéria*, 1940, Dezembro, XXXI, 626-650. Fonte bibliográfica: Acciaiuoli, Margarida – *Exposições do Estado Novo: 1934 – 1940*.- Lisboa: Livros Horizonte, 1998, p. 168

⁶² Margarida Acciaiuoli, Op. Cit., p. 181

⁶³ “Antes de abrir esta Exposição (do Mundo Português), em 1940, foi ao Brasil, mas a sua visita, que pensara ser breve, transformou-se numa estadia de mais de dez anos, durante os quais veio cá por três vezes, foi a Paris expor outras tantas, e fez mais três exposições, uma no Rio de Janeiro e duas em S. Paulo”, diz-se, na resenha biográfica que consta na contracapa da exposição na Galeria Dinastia. *Pintura de mestre Ricardo Bensaúde/Carlos Manuel de Borges de Castro*. - Lisboa: Galeria Dinastia, 1968 [catálogo].

⁶⁴ Carlos Ramos, em síntese biográfica de serve de legenda a um quadro do pintor, diz: "Depois de algumas exposições em Lisboa e da sua colaboração nos trabalhos de Exposição do Mundo Português, foi ao Brasil onde executou os seus mais importantes retratos". Ver: Ramos, Carlos – *Dois séculos de modelo vivo*.- Porto: Escola Superior de Belas Artes do Porto/Ministério da Educação Nacional, 1965, p.144. O filho do pintor, o antiquário Sérgio Bensaúde, transmitiu igualmente a ideia de que o pai teria realizado, nessa terra, prometida para tantos portugueses, as suas melhores pinturas. Dos anos que o pai viveu no Brasil, primeiro em casa de sua irmã Wanda, no Rio de Janeiro, e depois na sua fazenda, em Arapongas, perto da cidade de Londrina, mais livre para explorar a exuberante terra brasileira, restam, na posse da família, algumas reproduções de notáveis retratos da fina-flor brasileira.

⁶⁵ Ele partiu depois de ter completado a sua participação na Exposição do Mundo Português, e só voltamos a ter notícias suas nos jornais portugueses em 1962, a propósito da inauguração de uma exposição sua em Paris. Em 1964 o pintor realizou uma exposição individual na Sociedade Nacional de Belas Artes, e em 1968, outra, na Galeria Dinastia. *O movimento na pintura de Ricardo Bensaúde/Mário de Oliveira* (intr.).- Lisboa: Sociedade Nacional de Belas Artes, 1964 [catálogo]; *Pintura de Mestre Ricardo Bensaúde/Carlos Manuel de Borges de Castro*.- Lisboa: Galeria Dinastia, 1968 [catálogo]

⁶⁶ "Terminadas as decorações da Exposição de Belém, alguns dos artistas que ali

sição do Mundo Português, que realizou os seus melhores quadros.⁶⁴ Ao partir, no navio *Serpa Pinto*, levou consigo algumas obras.

Essa prolongada estadia⁶⁵, foi um reflexo de um "amor desassossegado de aventuras", na expressão de Diogo de Macedo⁶⁶, e resultado das fracas condições proporcionadas pela conjuntura portuguesa e europeia. Era chegado o momento de assumir a diferença relativamente à Europa, como dissera Múrias, e tentar um mercado e um país promissor, antiga colónia, destino de portugueses, nomeadamente de alguma *intelligentia*.

Das obras que aí foram realizadas, o filho Sérgio guarda duas dezenas de reproduções, das quais dois desenhos [Fig. 13] e [Fig. 14], e três retratos não identificados nem datados [Fig. 15] e [Fig. 16], de três figuras femininas, requintadas no seu evidente mundanismo.



[13]



[14]

[Fig.13]
Sem título (1941)
Desenho a lápis sobre papel

[Fig.14]
Sem título (1941)
Desenho a lápis sobre papel



[15]



[16]

[Fig.15]
Senhora brasileira (194-)
Óleo sobre tela

[Fig.16]
Senhora brasileira (194-)
Óleo sobre tela

De 12 a 24 de Novembro de 1940, esteve patente, no Museu de Belas Artes do Rio de Janeiro, a sua primeira apresentação brasileira, onde mostrava ao "público

trabalharam, partiram para o Brasil a mostrar aos irmãos de além as suas obras e o seu amor desassossegado de

aventuras. O pintor Ricardo Bensaúde já na capital carioca abriu uma exposição de retratos e motivos

portugueses, que a imprensa de ali muito apreciou". In: *Noticiário/Diogo de Macedo. Ocidente*, 1940, vol. V



[Fig.17] – Comendador José Gomes Lopes (194-). Óleo sobre tela

Abril de 1946, três jornais de S. Paulo, então capital do Brasil, anunciam a exposição de Bensaúde na Galeria Benedetti.

Num deles – a *Folha da Noite* – menciona-se “uma esplêndida colecção de retratos”, de que destacam o de uma filha do jurista Noé Azevedo e das senhoras Mary Campos e Cunha Campos. É de salientar, ainda nessa notícia – cujo título é “Motivos folclóricos portugueses nas telas de R. Bensaúde” – os seguintes trechos: “Dos trabalhos expostos, os que mais chamam a atenção dos visitantes, pela originalidade dos motivos e pelo que registram, são os chamados “flagrantes”, um sistema diferente de pintura que Ricardo Bensaúde trouxe para S. Paulo. São croquis de motivos folclóricos portugueses, apanhados em traços rápidos nos beirais do porto ou nos mercados de Lisboa” e “As feiras portuguesas também estão muito bem transpostas para as telas desse artista luso, em detalhes os mais simples e originais. O *Salto da fogueira* [Fig. 18] – que grava um aspecto dos festejos populares lusitanos no mês de junho – é bem o quadro que qualquer de nós é capaz de sentir em toda a sua beleza e eloquência”.



[Fig. 18] – O salto da fogueira (s.d.) Óleo sobre tela

Joaquim Nabuco e do príncipe D. Pedro de Orleans e Bragança. Essa notícia reporta, como informação introdutória, a existência de retratos de Oliveira Salazar, de Norton de Matos, de Gustavo Cordeiro Ramos, de Luis da Cunha Gonçalves, de

carioca” alguns retratos já efectuados no Brasil, de “algumas figuras representativas da sua convivência quotidiana”. O director do Museu, Oswaldo Teixeira, ele próprio pintor e crítico, proferiu, para o *Correio Português*, em 12 de Novembro, algumas considerações, realçando a emotividade, o aspecto construtivo, e a técnica muito variada com que o pintor executava, sobretudo, os retratos. Terminava, dizendo: “Bensaúde, modernista, é um apegado cultor da tradição, e nisso consiste, justamente, a sua coragem, o seu verdadeiro valor de homem e artista do seu tempo”.⁶⁷

O retrato do *Comendador José Gomes Lopes* [Fig. 17] fazia igualmente parte dessa exposição.

Em S. Paulo começou por expor quarenta e duas telas no Edifício “Toledo Schorcht”, na praça da República, em 1942. No dia 6 de

⁶⁷ Numa fotografia da inauguração desta exposição, saída num jornal brasileiro não identificado, propriedade da família, aparece, por trás do pintor, um quadro de grandes dimensões de Oliveira Salazar.

Outro recorte de um jornal de São Paulo⁶⁸ menciona alguns ilustres retratados brasileiros – o ministro e chanceler Oswaldo aranha, o ministro Sousa Costa, os retratos póstumos de

⁶⁸ Alguns recortes de notícias ou artigos de jornais brasileiros, acerca de exposições de Ricardo Bensaúde, foram-nos gentilmente cedidos pela família, alguns dos quais, infelizmente, sem indicação de data.

Agostinho de Campos, de Teixeira de Pascoais e do príncipe Journ Tcherkessof.

A arte, e não o negócio, foi o motor da sua vida. “Ganhou muito, mas investiu tudo na compra de uma fazenda de café no Mato Grosso, e perdeu tudo”, diz-nos seu filho.

Nessa fazenda, como se verá, escreveu contos, reunidos em livro editado em Lisboa, mais tarde.⁶⁹

O retrato da nora, *Maria Luisa Bensaúde*, datado de 1952

[Fig. 19], que revela a maturidade do pintor, teria sido pintado numa das suas vindas a Lisboa, ou através de fotografia.

Voltamos a ter notícias copiosas dele nos anos 60.



[Fig.19] – Maria Luisa Bensaúde (1952). Óleo sobre tela

⁶⁹ A obra já referenciada: Bensaúde, Ricardo - *O caçador de angústias*, Lisboa: Sociedade de Expansão Cultural, 1966, 135-140, p.135-6.

⁷⁰ *Ricardo Bensaúde... Mouvements... Sillages*.- Paris: Galerie André Weil, 1962 [catálogo].

⁷¹ O crítico menciona o sucesso, o “signo do movimento” e da poesia, a “meio caminho entre a realidade e o sonho”, e conclui: “Saudemos pois este recém-chegado que é um mestre”.

⁷² *O movimento na pintura de Ricardo Bensaúde/Mário de Oliveira* (intr.).- Lisboa: Sociedade Nacional de Belas Artes, 1964 [catálogo].

4. A pintura do movimento

O *Diário de Notícias* de 18 de Janeiro de 1962 anunciou a inauguração de uma exposição do pintor em Paris, na Galeria André Weil⁷⁰, acontecimento a que esteve presente o embaixador Marcelo Mathias, “e muitas outras individualidades portuguesas e francesas dos meios intelectuais e artísticos”. No *Diário Popular*, de 22 de Fevereiro desse mesmo ano, menciona-se a “notável apreciação crítica à obra do nosso compatriota” por parte do director da revista *Masques et visages*, Irenée Mauget.⁷¹

A jornalista portuguesa Cândida Cortes, no *Diário de Notícias* de 29 de Novembro desse mesmo ano, publicou, a respeito do pintor, o texto “Nova aventura estética”. Texto de fundo, oportunidade de um balanço, que toca em pontos importantes, como o da pouca visibilidade do pintor: “Nas raras vezes que expôs, os seus trabalhos foram acolhidos com manifesta surpresa: o artista que surgia dava aos moldes clássicos uma nova harmonia de cores, um grito de independência e personalidade”.

Mais adiante, a propósito dos quadros apresentados em Paris, afirma a articulista que não foram expostas em Portugal, sugerindo uma hipótese: “talvez queira evitar um desencontro com um público e uma crítica que lhe são pouco familiares”. Cita ainda excertos de uma crítica de Amadeu Cunha no jornal *Notícias do Porto*: “Toda a obra de Ricardo Bensaúde é uma aspiração cruel de beleza. Enorme e desconhecido, este artista, que facilmente poderia conquistar o grande público, mantém-se numa fria e apagada reserva”. A respeito da “pintura do movimento”, presente na Galeria André Weil, refere que uma imagem é uma “súmula de um momento”, e, nomeadamente a propósito da tela “O homem que passa”, afirma que o artista “viu-o na sua natureza transcendente e sobrenatural, descrevendo-o no seu aspecto plural, em que essência e imanência coincidem e se conjugam”.

Dois anos depois, em 29 de Abril, uma exposição individual vem consagrar “O movimento na pintura de Ricardo Bensaúde”⁷², e provar a regularidade da sua pesquisa pictórica. O interesse pelo movimento estava latente desde a infância. A sensibilidade figurativa animada por uma ideia dinâmica, impregnada na memória, data dessa infância, como o pintor relata no conto “Romentino” com que conclui *O caçador de angústias*. No confessionário de madeira da vila italiana da sua infância estavam

esculpidos querubins – “lembrei-me do dia, já tão longínquo, em que me pareceu que batiam as asas...e que queriam voar”.⁷³

Mário de Oliveira, seu antigo camarada das Belas Artes, escreveu uma nota elogiosa no catálogo desta exposição⁷⁴, e Fernando de Pamplona realçou a respectiva temática, a ela dedicando o texto “A problemática do movimento na pintura de R. B.”⁷⁵

É de realçar este artigo, por tentar sintetizar uma visão plausível acerca da representação do movimento em Ricardo Bensaúde. Como em outros artistas, ele foi tentado por essa representação, não como o fizeram os futuristas italianos, “que operavam pela decomposição mental das imagens, pelo seu frio desdobramento, pela justaposição grosseira de imagens sucessivas”.

Evoque-se, a propósito, a distinção que o pintor, enquanto pedagogo, operava, na análise do desenho infantil, entre um realismo intelectual, relevando da abstracção, e um realismo visual, brotando directamente dos sentidos. Esclarece Pamplona: “R.B. é um visual, que procede pela memorização sensível, pela síntese de imagens ainda vivas na retina, e ligadas entre si, a prolongarem-se numa esteira de névoa e transparência”.

A actividade literária do pintor vem a domínio público em 1966. Com prefácio do advogado e escritor Domingos Monteiro, uma compilação de alguns contos vem à luz com o título de *O caçador de angústias*, obra já acima referenciada. São pequenas histórias e apontamentos paisagísticos – pinturas de género – surpreendendo o inesperado, o susto ou o riso, de situações passadas, com a excepção do último conto, na sua fazenda, em Londrina, no Mato Grosso. Note-se a coincidência com o título *Um colecionador de angústias*, de Fidelino Figueiredo. Este professor e escritor, deputado, duas vezes director da Biblioteca Nacional, esteve no Brasil de 1938 a 1943, nomeadamente em São Paulo, em 42 e 43, anos em que se poderia ter cruzado com o pintor.

A última exposição individual deste foi realizada, como se referiu, em 1968, na Galeria Dinastia. A 28 de Novembro de 1968, Natércia Freire dedica-lhe uma crítica no *Diário de Notícias*.⁷⁶

A sua última aparição pública ocorre numa colectiva da mesma Galeria, uma mostra colectiva – *I Pesquisas plásticas dos novos* – de 28 de Janeiro a 26 de Fevereiro de 1969, onde o pintor é apresentado como aluno distinto de Columbano e Carlos Reis.

A tela *A criança e a gaiola* [Fig. 20] representa uma das netas do pintor, e não está datada. Ela mostra a ternura e o espanto da criança perante o movimento incessante dos pássaros, conseguindo o pintor uma unidade cromática de extrema suavidade. Outro tema associado à infância, e figurando a mesma neta, aparece no *Salto à corda* [Fig. 21], a síntese espacial de um movimento, não futuristicamente decomposto

⁷³ Ricardo Bensaúde (1966), p. 137

⁷⁴ *O movimento na pintura de Ricardo Bensaúde/ Mário de Oliveira* (intr.).- Lisboa: Sociedade Nacional de Belas Artes, 1964

⁷⁵ Pamplona, Fernando de – A problemática do movimento na pintura de R.B. *Diário de Notícias*, 14/5/1964

⁷⁶ Fonte a precisar.

[20]



[21]



[Fig.20]
A criança e a gaiola (s.d.)
Óleo sobre tela

[Fig.21]
Salto à corda (s.d.)
Óleo sobre tela

como os clichés sucessivos da fotografia, mas sustido numa retina que vê para além do perfil das figuras *reais*.

5. Três auto-retratos

Flores, paisagens, naturezas-mortas, ocuparam o pintor incessantemente desde o seu regresso do Brasil.

Também naturezas-mortas convencionais foram sendo cultivadas até ao fim, como a da [Fig. 22], representando um pássaro, uma taça de flores, uma borboleta e frutos.

Se o retrato foi o género mais sensível àquilo que esteve subjacente a uma das grandes questões da arte do século XX, a incapacidade de representar as contradições e as dimensões ocultas da alma, incapacidade acentuada pela falência iconográfica e simbólica de quaisquer atributos exteriores, o auto-retrato, mais ainda, acusava essa dificuldade. Com efeito, ele supunha, como condição, uma dose, insofismável, de difícil conhecimento de si mesmo, e de uma concomitante, e firme, serenidade.

Nos três auto-retratos que se apresentam, e cujas fotografias estão na posse da família, o olhar é o mesmo em 1927, em 1956 e em 1961 [Fig. 23, 24 e 25].

[22]



[23]



[24]



[25]



[Fig.22]
Natureza-morta (s.d.)
Óleo sobre tela

[Fig.23]
Auto-retrato (1927)
Óleo sobre tela

[Fig.24]
Auto-retrato (1956)
Óleo sobre tela

[Fig.25]
Auto-retrato (1961)
Óleo sobre tela

No primeiro, aos trinta e três anos, há uma presença otimista, um leve sorriso, um brilho determinado no olhar. O fato não tem muita importância, é uma massa escura de onde se realça a luz, que incide no rosto e no colarinho branco da camisa. A posição do rosto é quase frontal, desafiante.

Aos sessenta e dois anos, dois pincéis seguros por uma mão cerrada, e a paleta na outra mão invisível, são os símbolos adequados, representando o pensamento e a acção de uma vida, dedicada à pintura. Expressa-se então, no olhar tranquilo, um acordo tácito com esse destino cumprido.

Cinco anos mais tarde, naquele que será o seu último auto-retrato, há simplesmente a essência do ser dada pela expressão do rosto, vincada apenas pela idealização do olhar, ausente e presente, e a não condescendência com qualquer efeito supérfluo. Ressalta a deformação expressionista do fato, um saco qualquer que veste a alma, em contraste com a beleza inesperada e o brilho de um fundo indeciso e verde.

BIBLIOGRAFIA

Publicações de Ricardo Bensaúde

Bensaúde, Ricardo – O caçador de angústias.- Lisboa: Sociedade de Expansão Cultural, 1966 [contos]

Bensaúde, Ricardo – A escola ao ar livre. Escola Portuguesa: boletim do ensino primário oficial, 1935, ano II, nº 52, 2-4

Idem – Cursos de aperfeiçoamento de desenho em 1935-6. Escola Portuguesa: boletim do ensino primário oficial, 1936, ano III, nº 106, 30-31

Idem – Identidade do problema do ensino da língua e do desenho. Escola Portuguesa: boletim do ensino primário oficial, 1936, ano III, nº111, 67-68

Idem – O valor da educação estética. Escola Portuguesa: boletim do ensino primário oficial, 1936, ano III, nº 112, 72-73, [4ill.].

Críticas a Ricardo Bensaúde

Cortes, Cândida – Nova aventura estética. Diário de Notícias, 29/11/1962

Henriques, Paulo – Colecção Amaral Cabral. Pintura e desenho do século XX. In: Pintura na Colecção Amaral Cabral/AA. VV.- Lisboa: Ministério da Cultura/Instituto Português de Museus/Casa-Museu Anastácio Gonçalves, 1998, 71-84, p. 76

Janeiro, Bento – Artes plásticas: Ricardo Bensaúde, no SPN. O Diabo, Janeiro 1939, nº227, p.8

Lima, J. da Costa – A beleza das exposições comemorativas. Brotéria, XXXI, Dezembro 1940, 626-650

Macedo, Diogo de – Exposição de Ricardo Bensaúde. In: Notas de arte. Ocidente: revista de cultura portuguesa, 1939, vol. IV, p. 309

Pamplona, Fernando de – A problemática do movimento na pintura de Ricardo Bensaúde. Diário de Notícias, 14/5/1964

Portela, Artur – Os nossos artistas: A arte de hoje na obra do pintor Ricardo Bensaúde que vai expor na Liga Naval. Diário de Lisboa, 3/12/1924

Idem - Artes plásticas: exposição Ricardo Bensaúde. Diário de Lisboa, 30/12/1924 (referência a precisar).

Folhetos e catálogos de exposições individuais

Exposição de pintura de Ricardo Bensaúde.-Lisboa: Liga Naval, 1924 [folheto]

Exposição de pinturas: Ricardo Bensaúde.- [s.l.: s.n., 19-?] [folheto]

Catálogo da exposição do pintor Ricardo Bensaúde/Secretariado da Propaganda Nacional.- Lisboa:

Império, [19-]

Ricardo Bensaúde: Mouvements...Sillages...-Paris: Galerie André Weil, 1962 [catálogo]

O movimento na pintura de Ricardo Bensaúde/Mário de Oliveira (intr.).- Lisboa: Sociedade Nacional de Belas Artes, 1964 [catálogo]

Catálogos de exposições colectivas

Catálogo da Exposição Histórica da Ocupação.- Lisboa: Agência Geral das Colónias, 1937. 2 vol.

I Pesquisas plásticas dos novos: mostra colectiva.- Lisboa: Galeria Dinastia, 1969 [catálogo]

80 Anos de arte no Porto.- Porto: Futebol Clube do Porto, 1986 [catálogo]

Pintura portuguesa no Museu Nacional de Belas Artes: acervo.- Rio de Janeiro: Fundação Cultural Brasil-Portugal, 1990 [catálogo]

Noventa anos de arte moderna portuguesa.- Lisboa: Galeria S. Bento, 1991 [catálogo]

Pintura na Colecção Amaral Cabral/AA. VV.- Lisboa: Ministério da Cultura/Instituto Português de Museus/Casa-Museu Anastácio Gonçalves, 1998, [catálogo]

BIBLIOGRAFIA GERAL

Acciaiuoli, Margarida – Exposições do Estado Novo 1934-1940.- [s.l.]: Livros Horizonte, 1998

Antunes, José Freire (dir.) - Judeus em Portugal.- Versailles: Edeline, 2002

Bensaúde, Alfredo – Vida de José Bensaúde.- Porto: Litografia Nacional, 1936

Branco, João de Freitas – O barítono Maurício Bensaúde. Arte Musical, Março 1963, nº 19, Separata.

Corrêa, Manuel de Mello – Subsídios para a genealogia da família Bensaúde.- Lisboa: [s.n.], 1976

Dias, Fátima Sequeira - Uma estratégia de sucesso numa economia periférica: a casa Bensaúde e os Açores 1800-1870.- Ponta Delgada: Ribeiro e Caravana, 1999. Col. Teses de História (tese de doutoramento).

França, José-Augusto – A arte em Portugal no século XX: 1911-1961. 3ª ed.- Venda Nova: Bertrand Editora, 1991.

Franco, Manuela – Judeus na 2ª Guerra Mundial. In: Dicionário de história de Portugal. Vol. VIII, suplemento F/O, António Barreto, Maria Filomena Mónica (coord.), Lisboa, Figueirinhas, 1999, pp.314-324

Luquet, G.-H.- O desenho infantil.3ª edição.- Porto: Livraria Civilização, 1979

Moreau, Mário – Cantores de ópera portugueses.- Venda Nova: Bertrand Editora, 1984. Vol. II

Pamplona, Fernando de – Dicionário de pintores e escultores portugueses ou que trabalharam em Portugal. 4ª ed.(actualizada).- Barcelos: Livraria Civilização Editora, 2000, Vol. I

Idem – Uma obra de arte: a exposição do Mundo Português. Ocidente Novembro 1940

Ramos, Carlos – Dois séculos de modelo vivo.- Porto: Escola Superior de Belas Artes do Porto/Ministério da Educação Nacional, 1965

Tavares, Cristina de Sousa Azevedo – Naturalismo e naturalismos na pintura portuguesa do século XX e a Sociedade Nacional de Belas Artes.- Lisboa: Universidade Nova de Lisboa/Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, 1999. 2 vol. [tese e doutoramento]